

MICHAEL CONNELLY

OS DEUSES DA CULPA

Tradução de José Vieira de Lima

Para Charlie Houchell

Parte I

Dias de Glória

Terça-feira, 13 de novembro

1

Aproximei-me do banco das testemunhas com um sorriso caloroso. Este sorriso, obviamente, estava em absoluta contradição com as minhas verdadeiras intenções, que eram destruir a mulher que ali estava sentada, com os olhos fixos em mim. Claire Welton acabara de identificar o meu cliente como o homem que, na véspera de Natal do ano anterior, lhe apontara uma arma e a forçara a sair do seu *Mercedes E60*. De acordo com a versão dela, o meu cliente atirara-a ao chão antes de arrancar com o carro, a mala dela e todos os sacos de compras amontoados no banco de trás. Como acabara de dizer à acusação, aquele homem também destruíra o seu sentimento de segurança e autoconfiança, se bem que não tivesse sido acusado por estes roubos mais íntimos.

– Bom dia, senhora Welton.

– Bom dia.

Disse estas duas palavras como se fossem sinónimos de *por favor não me faça mal*. Mas toda a gente no tribunal sabia que o meu trabalho consistia precisamente em fazer-lhe mal e, desse modo, fazer mal ao processo do Ministério Público contra o meu cliente, Leonard Watts. Claire Welton estava na casa dos sessenta anos e tinha um ar de matrona. Não aparentava ser uma criatura frágil, mas eu tinha de esperar que fosse.

Welton era uma dona de casa de Beverly Hills e uma das três vítimas que tinham sido maltratadas e roubadas numa vaga de crimes pré-natalícia que resultara em nove acusações contra Watts. A Polícia chamara-lhe o «bandido dos choques», um ladrão armado

que, a partir de centros comerciais, seguia mulheres previamente selecionadas, chocava contra os carros delas em sinais de Stop de zonas residenciais, e que, depois, ameaçando-as com uma arma de fogo, levava os carros e bens quando elas saíam para verificar os danos provocados pelo choque. Posteriormente, o ladrão punha no prego ou revendia os artigos comprados nos centros comerciais, ficava com todo o dinheiro que encontrasse e vendia os carros a tipos do Valley que os desmontavam para fazerem negócio com as peças.

Mas tudo isto eram alegações, que dependiam de alguém que, diante do júri, identificasse Leonard Watts como o culpado. Era isso que tornava Claire Welton tão especial e a testemunha-chave do julgamento. Era a única das três vítimas que, perante os jurados, apontara Watts como o autor do crime, que, de uma forma inequívoca, asseverara ser ele o culpado. Era a sétima testemunha apresentada pela acusação em dois dias, mas, quanto a mim, era a única testemunha. Se estivéssemos a jogar *bowling*, ela seria o pino número um. E se, adotando o ângulo correto, lhe acertasse em cheio, todos os outros pinos desabariam com ela.

Se eu não deitasse abaixo todos os pinos, os jurados que nos observavam condenariam Leonard Watts a um longo período de prisão.

Levei uma única folha comigo quando avancei para o banco das testemunhas. Identifiquei-a como o relatório original do crime, redigido por um polícia de patrulha, o primeiro a responder à chamada do 112 feita por Claire Welton de um telemóvel que pedira emprestado após o *carjacking*. A acusação já o tinha exibido como uma das provas. Depois de ter pedido autorização para tal ao juiz, que ma concedeu, coloquei o documento na mesa diante do banco das testemunhas. Welton afastou-se de mim quando me viu fazer isto. Tinha a certeza de que a maior parte dos jurados também se apercebera dessa reação.

Fiz a minha pergunta enquanto recuava na direção da pequena secretária entre as mesas da acusação e da defesa.

– Senhora Welton, tem aí o relatório original do crime, redigido no dia do infeliz incidente de que foi vítima. Lembra-se de ter falado com o agente que apareceu para a ajudar?

– Sim, claro que me lembro.

- Contou-lhe o que aconteceu, correto?
- Sim. Ainda estava muito abalada nesse...
- Mas contou-lhe o que aconteceu, a fim de que ele pudesse redigir um relatório sobre o homem que a roubou e levou o seu carro, correto?
- Sim.
- Era o agente Corbin, correto?
- Julgo que sim. Não me lembro do nome dele, mas vem no relatório.
- Mas lembra-se de ter contado ao agente o que aconteceu, correto?
- Sim.
- E ele escreveu um resumo do que a senhora disse, correto?
- Sim, escreveu.
- E pediu-lhe ainda que lesse o resumo e que o rubricasse com as suas iniciais, não é verdade?
- Sim, mas eu estava muito nervosa.
- As iniciais ao fundo da página do relatório são as suas?
- Sim.
- Senhora Welton, importa-se de ler em voz alta, para que o júri possa ouvir, aquilo que o agente Corbin escreveu depois de ter falado consigo?

Welton hesitou antes de se lançar na leitura. Examinou o resumo.

Kristina Medina, a procuradora, aproveitou o momento para lavar o seu protesto.

– Meritíssimo, tenha ou não a testemunha rubricado o resumo do agente, o certo é que a defesa está a tentar desacreditar o seu depoimento com algo que não foi escrito por ela. Daí o nosso protesto.

O juiz Michael Siebecker semicerrou os olhos e virou-se para mim.

– Meritíssimo, ao rubricar o relatório do agente, a testemunha adotou a declaração. Constitui uma memória do momento que ficou gravada e o júri deveria ouvi-la.

Siebecker indeferiu o protesto e ordenou à Sr.^a Welton que lesse o relatório que rubricara. Ela lá acabou por anuir.

– «A vítima afirmou que parou no cruzamento entre Camden Street e Elevado e, pouco depois, um carro chocou contra ela. O condutor do carro estacionou na berma logo de seguida. Quando abriu a porta para sair e verificar os danos, deparou com um homem negro entre os trinta e trinta cinco ADI»... Não sei o que é que isto quer dizer.

– Anos de idade – disse eu. – Continue a ler, se faz favor.

– «Agarrou nela pelos cabelos e arrastou-a para fora do carro, deixando-a no meio da rua. Apontou um revólver preto de cano curto ao rosto dela e disse-lhe que a mataria se ela se mexesse ou fizesse algum ruído. Então, o suspeito sentou-se ao volante do carro da vítima e dirigiu-se para norte, logo seguido pelo carro que chocara contra a traseira do carro dela. A vítima, na altura, não conseguiu fazer uma descrição mais...»

Aguardei, mas ela não acabou.

– Meritíssimo, poderia fazer o favor de ordenar à testemunha que leia todo o relatório, tal como foi redigido no dia do incidente?

– Senhora Welton – entoou o juiz Siebecker. – Por favor, leia o relatório até ao fim.

– Mas, senhor doutor juiz, aqui não vem tudo o que eu disse.

– Senhora Welton – insistiu o juiz. – Leia *todo* o relatório, como o advogado de defesa lhe pediu.

Claire Welton cedeu e leu a última frase do resumo.

– «A vítima, na altura, não conseguiu fazer uma descrição mais pormenorizada do suspeito.»

– Obrigado, senhora Welton – disse eu. – Ora bem. Apesar de a sua descrição do suspeito ser quase nula, a verdade é que, nessa mesma altura, logo após o incidente, a senhora foi capaz de descrever pormenorizadamente a arma que ele lhe apontou, não é verdade?

– Não sei até que ponto é que descrevi pormenorizadamente o revólver. Ele apontou-me a arma à cara, de modo que eu pude vê-la bem e descrever aquilo que vi. O agente ajudou-me, descrevendo a diferença entre um revólver e outros tipos de armas. Acho que lhe chamam uma automática.

– E foi capaz de descrever que tipo de arma era, a cor e mesmo o tamanho do cano.

– As armas não são todas pretas?

– Não lhe parece que é a mim que compete fazer as perguntas, senhora Welton?

– Bom, o agente fez-me muitas perguntas sobre a arma.

– Mas não foi capaz de descrever o homem que lhe apontou a arma, e, no entanto, passadas duas horas, identificou o seu rosto no meio de uma quantidade de fotos. Foi isso que aconteceu, não é verdade, senhora Welton?

– Tem de compreender uma coisa. Eu vi o homem que me assaltou e me apontou a arma. Descrevê-lo e reconhecê-lo são duas coisas diferentes. Quando vi aquela foto, tive a certeza de que era ele, tal como tenho a certeza de que é ele que está sentado àquela mesa.

Virei-me para o juiz.

– Meritíssimo, gostaria que esta resposta não constasse dos autos por fugir à questão.

Medina levantou-se.

– Meritíssimo, a defesa tem feito declarações explícitas nas suas pretensas questões. O advogado de defesa fez uma afirmação e a testemunha limitou-se a responder. O pedido para que a resposta não conste dos autos não tem fundamento.

– Pedido negado – disse de imediato o juiz. – Faça a sua próxima pergunta, doutor Haller. E, quando digo pergunta, é mesmo pergunta, entendido?

Fiz o que o juiz me ordenou e esforcei-me por demolir a testemunha. Durante os vinte minutos seguintes, não me cansei de bater na mesma tecla – a identificação do meu cliente por Claire Welton. Perguntei-lhe com quantas pessoas negras se dava no seu quotidiano de dona de casa em Beverly Hills e abri a porta a questões de identificação inter-racial. Em nenhum momento consegui abalar a sua determinação ou convicção de que Leonard Watts era o homem que a assaltara. Nesses vinte minutos, Welton pareceu ter recuperado uma das coisas que dizia ter perdido devido ao assalto. A autoconfiança. Quanto mais a atacava, mais ela parecia aguentar a violência do assalto verbal e devolver-me sem a menor hesitação. No final do contrainterrogatório, aquela testemunha tornara-se uma verdadeira

rocha. A sua identificação do meu cliente não sofrera nenhum abalo. E a minha bola não acertara num único pino.

Disse ao juiz que não tinha mais perguntas e voltei para a mesa da defesa. Medina informou o juiz de que queria retomar o interrogatório por um breve momento e eu sabia que ela ia fazer a Welton uma série de perguntas unicamente com o intuito de reforçar a identificação de Watts. Sentei-me na minha cadeira ao lado de Watts e os olhos dele perscrutaram o meu rosto em busca de um qualquer sinal de esperança.

– Bom – segredai-lhe. – Nada a fazer. Nós estamos feitos.

Ele afastou-se de mim como se as minhas palavras ou o meu hálito – ou ambos – lhe causassem repugnância.

– Nós? – disse ele.

E disse-o tão alto que interrompeu Medina, que se virou e olhou para a mesa da defesa. Abri as mãos com as palmas para baixo num gesto que pedia serenidade e, apenas movendo os lábios, disse a Watts: *Vá com calma.*

– Vou com calma? – disse ele bem alto. – Eu não vou acalmar-me coisa nenhuma! Você disse-me que tinha isto sob controlo, que ela não era problema.

– *Doutor Haller!* – vociferou o juiz. – Controle o seu cliente, por favor, ou terei de...

Watts não esperou por aquilo que – fosse lá o que fosse – o juiz ameaçaria fazer. Atirou-se a mim como um defesa no rãguebi agarrando o adversário que está prestes a marcar. A minha cadeira caiu para trás comigo nela e ficámos os dois esparramados no chão aos pés de Medina. Ela saltou para trás para evitar magoar-se, enquanto Watts se preparava para me dar um murro com o braço direito. Eu estava no chão sobre o meu lado esquerdo, o braço direito tolhido pelo corpo de Watts. Consegui erguer a mão esquerda e deter o punho dele. Isso só serviu para abrandar a violência do murro. A minha mão foi um fraco amortecedor – que o diga o meu maxilar.

Estava vagamente consciente dos gritos e movimentações à minha volta. O punho de Watts recuou, preparando-se para desferir um segundo murro. Mas os seguranças do tribunal já o tinham dominado antes que ele pudesse desferi-lo. Como uma equipa bem treinada,

dominaram-no e conseguiram afastá-lo de mim e deitá-lo no chão, no espaço em frente das mesas dos advogados.

Tudo parecia acontecer em câmara lenta. O juiz berrava ordens a que ninguém prestava atenção. Medina e o oficial de justiça que assessorava o juiz fugiam à balbúrdia. A escritã levantara-se atrás da sua secretária fechada e observava tudo horrorizada. Watts estava com o peito no chão, uma mão de um agente num dos lados da cabeça, comprimindo-a contra os ladrilhos, um sorriso bizarro no rosto enquanto as suas mãos eram algemadas atrás das costas.

E, num ápice, o incidente acabou.

– Senhores agentes, retirem-no do tribunal! – ordenou Siebecker.

Os agentes arrastaram Watts pela porta de aço num dos lados da sala, após o que o levaram para cela reservada a arguidos presos. Eu fiquei sentado no chão, avaliando os danos. Tinha sangue na boca e nos dentes e na camisa branca acabada de estrear. A minha gravata jazia no chão. Era a gravata de clipe que eu ponho sempre que visito clientes detidos e não quero que eles me puxem através das grades.

Esfreguei o queixo e passei a língua pelos dentes. Tudo parecia intacto e em condições de funcionar. Tirei um lenço branco de um bolso interior do casaco e tratei de limpar a cara enquanto usava a mão livre para me agarrar à mesa da defesa e me levantar não sem algum esforço.

– Jeannie – disse o juiz para a assessora. – Chame os paramédicos para o doutor Haller.

– Não, Meritíssimo – repliquei de imediato. – Eu estou bem. Só preciso de me limpar um pouco.

Baixei-me para apanhar a gravata e, depois, fiz uma patética tentativa para recuperar a minha compostura, voltando a pô-la no colarinho apesar da mancha vermelha que dava um aspeto miserável à parte da frente da camisa. Enquanto ajustava o clipe ao colarinho abotoado, diversos agentes entraram de rompante pelas portas principais da sala, em resposta ao botão de pânico que o juiz por certo premira. Siebecker tratou logo de lhes dizer que não havia necessidade de intervirem, visto que já não havia nenhum incidente. Os agentes espalharam-se pela parede do fundo do tribunal, uma exibição de

força para o caso de haver mais alguém no tribunal com intenções de infringir as normas.

Dei uma última limpadela à cara e falei.

– Meritíssimo – disse. – Lamento profundamente o comportamento do meu...

– Agora, não, doutor Haller. Sente-se na sua cadeira. – E, virando-se para Medina, acrescentou: – E a doutora faça o mesmo. Quero toda a gente sentada e calma.

Fiz o que me disse, levando o lenço dobrado à boca e observando o juiz, que virou a sua cadeira giratória na direção dos jurados. Primeiro, disse a Claire Welton que estava dispensada. Ela levantou-se de forma hesitante e dirigiu-se à porta para lá das mesas dos advogados. Parecia a pessoa mais abalada em todo o tribunal. Teria certamente boas razões para isso. Imaginou sem dúvida que Watts poderia tê-la atacado tão facilmente como me atacara. E que, se tivesse sido suficientemente rápido, tê-la-ia apanhado.

Welton sentou-se na primeira fila da galeria, reservada a testemunhas e à equipa do tribunal, e o juiz prosseguiu os trabalhos, desta feita com o júri:

– Minhas senhoras e meus senhores, lamento profundamente que tenham assistido a este incidente. O tribunal nunca é um local de violência. É o local onde a sociedade civilizada se perfila contra a violência que assola as nossas ruas. Sinto-me sinceramente penalizado quando se passa algo deste género.

Ouviu-se um estalido metálico quando os dois agentes de serviço ao tribunal voltaram da cela. Perguntei-me até que ponto teriam maltratado Watts quando o enfiaram na cela.

O juiz fez uma pausa e voltou a concentrar-se no júri.

– Infelizmente, a decisão do senhor Watts de atacar o seu advogado afetou a nossa aptidão para seguirmos em frente. Creio que...

– Meritíssimo? – interrompeu Medina. – Peço a sua permissão para que a acusação se pronuncie.

Medina sabia exatamente que rumo o juiz seguiria e precisava de fazer alguma coisa.

– Agora, não, doutora Medina. Não interrompa os trabalhos do tribunal.

Medina, porém, era persistente.

– Meritíssimo, peço uma conferência dos advogados com Vossa Excelência.

O juiz parecia irritado com ela, mas cedeu. Deixei-a ir à frente e encaminhámo-nos na direção da secretária do juiz. Siebecker ligou uma ventoinha que abafava o som a fim de que o júri não apansasse os nossos murmúrios. Antes que Medina pudesse formular a sua opinião, o juiz perguntou-me uma vez mais se eu precisava de cuidados médicos.

– Eu estou bem, Meritíssimo, mas agradeço a atenção. Para dizer a verdade, a única coisa que está em mau estado é a minha camisa.

O juiz assentiu e centrou a sua atenção em Medina.

– Eu sei qual é a sua objeção, doutora Medina, mas não há nada que eu possa fazer. O júri foi influenciado por aquilo a que acabou de assistir. Não tenho alternativa.

– Meritíssimo, este caso envolve um réu muito violento que cometeu atos muito violentos. Os jurados sabem disso. Não creio que tenham sido indevidamente influenciados por aquilo que presenciaram. O júri tem o direito de apreciar e julgar com os seus próprios olhos o comportamento do arguido. Visto que ele se envolveu voluntariamente em atos violentos, a influência que o incidente possa ter tido sobre o júri não é indevida nem injusta.

– Se me permite, Meritíssimo, gostaria de manifestar a minha discordância...

– Além disso – prosseguiu Medina, atropelando-me –, temo que o tribunal esteja a ser manipulado por este arguido. Ele sabia muito bem que, deste modo, poderia ter um novo julgamento. Ele...

– Alto lá – protestei. – A objeção da senhora procuradora está cheia de insinuações infundadas e...

– Doutora Medina, a sua objeção é indeferida – disse o juiz, acabando com todo o debate. – Mesmo que a influência não seja indevida nem injusta, o senhor Watts acaba efetivamente de despedir o seu advogado. Não posso pedir ao doutor Haller que prossiga nestas circunstâncias e não me sinto inclinado a permitir que o senhor Watts volte a esta sala. Regressem aos vossos lugares.

– Meritíssimo, quero que a objeção da acusação fique registrada para eventual recurso.

– Ficará registrada. Agora, saiam daqui.

Voltámos para as nossas mesas e o juiz desligou a ventoinha e dirigiu-se ao júri.

– Senhoras e senhores, como estava a dizer, o incidente que acabam de testemunhar criou uma situação prejudicial ao arguido. Creio que será demasiado difícil distanciarem-se do que acabaram de ver quando for preciso deliberar sobre a sua culpa ou inocência relativamente às acusações de que é alvo. Portanto, tenho de declarar a anulação do julgamento e dispensá-los, com os agradecimentos deste tribunal e do povo da Califórnia. O agente Carlyle escoltá-los-á de volta à sala de reuniões. Daí, poderão voltar para as vossas casas.

Os jurados pareciam inseguros quanto ao que haviam de fazer ou se tudo já teria acabado. Por fim, um jurado mais corajoso levantou-se e, um instante depois, os outros seguiram-no. Saíram em fila por uma porta nas traseiras da sala.

Olhei para Kristina Medina. Estava sentada à mesa da acusação, a cabeça baixa, derrotada. O juiz, inopinadamente, adiou os trabalhos desse dia e abandonou o tribunal. Dobrei o meu lenço arruinado e guardei-o no bolso.